
NETIQUETA: REFLEXÕES SOBRE O COMPORTAMENTO E O USO DA LÍNGUA

Caroline Souza Ferreira*
Thais Fernandes Smpaio†

Introdução

Este relato visa a apresentar uma sequência de atividades sobre regras de convivência na internet (*Netiqueta*), realizada no ano de 2016, no oitavo ano do ensino fundamental da Escola Municipal Murilo Mendes (JF). Tal experiência correspondeu à primeira etapa da pesquisa-ação *O uso do blog na aula de Português: em busca do empoderamento discente* e teve como objetivos: i) promover a reflexão sobre a convivência no ambiente virtual, ii) elaborar regras, coletivamente, para garantir uma interação segura e respeitosa nesse ambiente e iii) refletir sobre os recursos linguísticos utilizados na produção de textos do tipo injuntivo. Considerando as discussões sobre a inserção das tecnologias digitais na educação (LÈVY, 1999 e MARCUSCHI; XAVIER 2004, entre outros), os discentes realizaram atividades de pesquisa e reflexão acerca da *Netiqueta*. Para tanto, foram utilizados vídeos, sites, além da abordagem do conhecimento de mundo dos alunos. No que tange ao trabalho com o texto e a análise linguística (GERALDI, 2013, entre outros), as atividades propostas objetivaram a elaboração coletiva de regras para serem seguidas pelos alunos nas suas interações virtuais. Nesse contexto, foram feitas reflexões sobre o uso dos verbos nos textos injuntivos, sobre o paralelismo sintático, dentre outros aspectos linguísticos, cuja abordagem foi necessária para a produção e revisão do texto coletivo. Ressaltamos que as atividades foram fundamentais para o desenvolvimento das outras etapas do projeto, pois garantiram uma interação respeitosa entre os alunos no ambiente virtual, além de ter aberto espaço para outro debate, igualmente importante: a convivência na sala de aula e na escola.

* Mestre em Letras (PROFLETRAS – UFJF), professora da Rede Municipal de Juiz de Fora. Contato: carol-ferreira@outlook.com

† Doutora em Linguística, UFJF, professora do Departamento de Letras da UFJF.
Contato: thais.fernandes@ufjf.edu.br



Caracterização da escola

As atividades ora relatadas foram desenvolvidas na Escola Municipal Murilo Mendes, situada na zona leste de Juiz de Fora. Tal instituição atende a aproximadamente 200 alunos, divididos em dois turnos: de manhã, o ensino fundamental inicial (1º ao 5º anos), à tarde, o ensino fundamental final (6º ao 9º). A escola apresenta boa infraestrutura, contando com laboratório de informática com internet, biblioteca, sala de vídeo e Datashow. A relação família-escola, no turno da tarde, não é eficiente, uma vez que os responsáveis, salvo poucas exceções, só vão à instituição quando chamados por questões disciplinares ou para reclamar de algum fato, não comparecem a reuniões pedagógicas e não acompanham o desempenho escolar dos filhos.

O corpo docente é composto por professores efetivos e contratados que, em sua maioria, dedicam-se ao desenvolvimento de práticas de ensino voltadas à reflexão consciente sobre os assuntos estudados visando à construção do conhecimento. Os professores buscam trabalhar em conjunto, compartilhar práticas, temas abordados e trocar impressões sobre as turmas, embora haja pouco tempo para essas trocas. Procuramos contornar essas dificuldades de planejamento conjunto conversando durante os recreios e através de grupos nas redes sociais.

Os alunos do ensino fundamental final, segmento em que atuamos, apresentam comportamentos comuns na adolescência: são agitados, algumas vezes desafiadores, outras vezes apáticos e desinteressados em relação às aulas. No entanto, quando nós, professores, conseguimos despertar-lhes o interesse, esses alunos dedicam-se com mais afinco à realização das tarefas propostas. Para tanto, é necessário tratar de temas do seu cotidiano, escutá-los verdadeiramente sobre o que desejam aprender, propor atividades que lhes permitam serem sujeitos na construção do próprio conhecimento. Embora o corpo discente não apresente problemas mais graves no que se refere à indisciplina, é fator primordial saber dialogar com esses alunos, uma vez que eles criam grande resistência a professores que tentam prender-lhes a atenção e manter a ordem através do “grito” e da imposição. Em outras palavras, quando se sentem acolhidos e respeitados, esses adolescentes tendem a também respeitar e a serem afetivos. Inicialmente, a turma com a qual realizamos as atividades descritas neste relato apresentava um comportamento bastante apático, não demonstrando interesse pelas aulas das diversas disciplinas. Os alunos apresentavam grande dificuldade de leitura e escrita, além de problemas de relacionamento entre si e com alguns educadores, o que gerou o estigma de pior turma da escola, desde os anos iniciais. Essa realidade nos motivou a desenvolver com esses alunos uma intervenção pedagógica da qual as atividades aqui relatadas fizeram parte.



Fundamentação teórica

Nesta seção, apresentamos brevemente o referencial teórico em que nos baseamos para elaborar as atividades aqui descritas, considerando os seguintes aspectos: a análise linguística, o letramento digital e o empoderamento discente.

Em relação ao estudo da língua, recorreremos à análise linguística como uma alternativa ao ensino tradicional da gramática. Conforme Geraldi (1985, p. 74),

A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos, análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações; etc. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina.

A análise linguística refere-se à reflexão sobre a língua em uso, considerando-se as escolhas e os objetivos do autor, com as condições de recepção, com o gênero, com o meio de circulação do texto e seu suporte, dentre outros aspectos.

Mendonça (2006, p. 208) corrobora e amplia o conceito citado acima, ao afirmar:

AL é a reflexão recorrente e organizada, voltada para a produção de sentidos e/ou para a compreensão mais ampla dos usos e do sistema linguísticos, com o fim de contribuir para a formação de leitores - escritores de gêneros diversos, aptos a participarem de eventos de letramento com autonomia e eficiência.

Conforme os autores citados, acreditamos que o ensino da língua só alcança o objetivo de ampliar as condições de atuação cidadã dos discentes quando estes são levados a refletir sobre a língua em uso e a perceber que o Português não é apenas um conjunto de nomenclaturas e regras, mas, principalmente, o idioma que utilizamos para realizar tarefas cotidianas, para defender nossos direitos, expressar nossas opiniões, dentre outros usos.

Dentro desta perspectiva de ensino voltada para a formação do cidadão, abordamos também a necessidade de ampliar o letramento digital dos discentes, considerando que, na contemporaneidade, é fundamental saber utilizar os recursos tecnológicos digitais para o estudo, o trabalho e a comunicação, além de saber se portar nos ambientes virtuais. A necessidade de promoção da inclusão digital na escola é defendida nos documentos oficiais em que nos baseamos: os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) e a Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora.

De acordo com os PCN,



O perfil do trabalhador vem sofrendo alterações, e em pouco tempo a sobrevivência no mercado de trabalho dependerá da aquisição de novas qualificações profissionais. Cada vez mais torna-se necessário que o trabalhador tenha conhecimentos atualizados, iniciativa, flexibilidade mental, atitude crítica, competência técnica, capacidade para criar novas soluções e para lidar com a quantidade crescente de novas informações, em novos formatos e com novas formas de acesso. (BRASIL, 1998, p.138)

Na mesma direção, a Proposta Curricular da Rede Municipal menciona a necessidade de ensinar os alunos a selecionar e a difundir informações no ambiente virtual, com competência e responsabilidade; visto que circulam inúmeras informações na Internet e é fundamental que os usuários saibam identificar a confiabilidade e a seriedade dos sites que utilizam. Desse modo, conforme Xavier (2013), nós, educadores, devemos reorganizar nossas práticas de ensino, a fim de melhor aproveitarmos as potencialidades dos recursos digitais em relação ao espaço de armazenamento, à velocidade de acesso às informações, além do efeito atrativo que tais recursos apresentam.

Lorenzi e Pádua (2012, p. 40) exemplificam como essas potencialidades podem ser aproveitadas na sala de aula.

As possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais. É possível formar redes descentralizadas para incentivar a interação; trabalhar com imagens (fator que modifica o conceito de comunicação); navegar por textos da *web*; utilizar animação para simplificar atividades complicadas e propiciar aos estudantes o sentimento de serem autores de seus trabalhos, uma vez que tudo pode ser publicado e exibido na internet.

Considerando, ainda, que a internet permite a publicação das produções dos alunos, o uso de recursos digitais no estudo da Língua Portuguesa apresenta-se como uma solução para a artificialidade no que tange ao estudo e à produção de diferentes gêneros textuais na escola.

Como consequência dessa abordagem no ensino da língua, baseada em práticas que relacionam atividades de análise linguística e o uso das tecnologias digitais, surge o terceiro elemento dessa tríade: o empoderamento discente. A partir do momento em que os alunos são motivados a inferir sobre o mundo que os cerca e a construir o conhecimento de forma colaborativa, eles tendem a ampliar a sua participação no processo de ensino aprendizagem. Para tanto, é necessário que a interação em sala de aula ocorra através do método dialógico, pois, segundo Freire (1986), o diálogo é fundamental para as reflexões sobre a realidade em que estamos inseridos e para as transformações sociais necessárias, constituindo a base para a formação do cidadão crítico. Nesse contexto, não há espaço para a transmissão do conhecimento, mas a troca entre os partícipes da interação, levando-se sempre em consideração o conhecimento de mundo de cada um.



Foi nesse “clima” de diálogo, troca de conhecimentos acerca dos diversos usos dos ambientes virtuais e de reflexões sobre a língua em uso que realizamos a experiência que descrevemos na próxima seção.

Descrição da experiência

Conforme mencionado na introdução deste relato, as atividades aqui apresentadas foram desenvolvidas como primeira etapa do projeto de intervenção da pesquisa *O uso do blog na aula de Português: em busca do empoderamento discente*. De acordo com o perfil da turma, traçado a partir da nossa observação e da aplicação de um questionário, julgamos necessário realizar um trabalho de sensibilização voltado às relações interpessoais, buscando melhorar o “clima” do grupo. Percebemos que, para obter êxito no projeto, seria necessário promover a reflexão de questões pertinentes à convivência e à criação de regras. Uma vez que a proposta de intervenção objetivava a criação de *blogs*, optamos por refletir sobre as regras de convivência nos ambientes virtuais, a *Netiqueta*. Desse modo, foi possível associar o debate voltado às relações interpessoais a reflexões sobre a língua na produção e análise de textos do tipo injuntivo.

Apresentamos, no quadro abaixo, uma breve descrição das atividades realizadas.

ATIVIDADES	BREVE DESCRIÇÃO
1ª Motivação	<p>Recurso: Vídeo (<i>Rede Social Medieval</i>, do canal <i>Talagada Shots de Humor</i>)</p> <p>Após assistirmos ao vídeo, realizamos uma conversa sobre ele, buscando levar os alunos a identificarem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • as relações do seu enredo com o mundo virtual; • os recursos linguísticos e sonoros utilizados para estabelecer essa relação; • consequências da má utilização das redes sociais; • a forma metaforizada como o vídeo apresenta essas consequências.
2ª Netiqueta	<p>Recurso: Vídeos (<i>Comportamentos éticos nas redes sociais</i>, de 1 a 5)</p> <p>A turma foi dividida em trios para a análise dos vídeos e compartilhamento das informações com os colegas. Pensamos, inicialmente, em uma organização semelhante à do gênero seminário, entretanto houve muita resistência dos alunos em apresentarem suas conclusões em pé diante da turma e preferimos optar por, novamente, fazermos uma roda de conversa, na qual discutimos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a mensagem dos vídeos sobre o comportamento na internet; • os exemplos apresentados para mostrar os perigos do mau uso das redes sociais; • as estratégias utilizadas nos vídeos para convencer o expectador.



<p style="text-align: center;">3ª Produção coletiva do texto injuntivo</p>	<p>Recurso: Quadro-negro</p> <p>Após reflexões sobre os vídeos assistidos nas atividades anteriores, convidamos os alunos a registrarem no quadro regras de convivência na internet. Seguimos a seguinte dinâmica;</p> <ul style="list-style-type: none"> • registro das regras elaboradas pelos grupos; • reflexões sobre sua coerência e relevância; • análise das estruturas linguísticas apresentadas nas regras (uso do imperativo/infinitivo/presente do indicativo) • comparação das regras criadas, a partir da sua análise do paralelismo sintático entre elas. • escolha coletiva, após negociação, da forma verbal que permaneceria nas regras (modo imperativo), considerando a força comunicativa. • negociação sobre a utilização ou não do advérbio de negação em algumas regras.
<p style="text-align: center;">4ª Criação dos cartazes com as regras</p>	<p>Recursos: Computadores do laboratório de informática (editor de texto e internet)</p> <p>A partir da versão final, com oito regras de comportamento na internet, propusemos aos alunos a criação de cartazes para o mural, lembrando que seriam utilizados pela professora do laboratório com as outras turmas. Em trios, os alunos criaram os cartazes, utilizando recursos dos computadores da escola.</p>

Figura 1 Etapa 1 - Extraído de: Ferreira, 2016

Ao planejarmos essa sequência de atividades, buscávamos alcançar três objetivos bastante específicos: i) promover a reflexão sobre a convivência no ambiente virtual; ii) elaborar regras para garantir uma interação segura e respeitosa nesse ambiente e iii) refletir sobre os recursos linguísticos utilizados na produção de textos do tipo injuntivo. Implicitamente, esperávamos também ultrapassar tais metas, promovendo mudanças positivas nas relações entre os discentes da turma. No decorrer do processo, os alunos foram ampliando a participação e desenvolvendo a escuta ativa. Nas primeiras discussões, eram necessárias intervenções a todo momento, para que um respeitasse o turno de fala do outro, embora estivessem falando a respeito dos vídeos propostos ou de fatos relacionados ao tema. Todos tinham histórias para contar a respeito de uso inadequado ou perigoso das redes sociais. Durante as reflexões, chegaram a um consenso sobre a necessidade do uso de regras de convivência nos ambientes virtuais. Em seguida, criaram a primeira versão dessas regras, que foram registradas no quadro-negro para revisão e posterior elaboração da versão final, conforme apresentado no quadro abaixo.



PRIMEIRA VERSÃO	VERSÃO FINAL
"Não faça <i>bullying</i> nas redes sociais."	"Respeite para ser respeitado e trate os outros como você gostaria de ser tratado."
"Não <i>xingar</i> na internet."	"Não faça <i>bullying</i> nas redes sociais."
"Não fazer comentários racistas."	"Não <i>xingue</i> , nem ofenda os outros"
"Respeite para ser respeitado e trate os outros como você gostaria de ser tratado."	"Não faça comentários racistas"
"Não fale mal dos outros, nem invente mentiras."	"Não fale de sua privacidade, e, principalmente a de outras pessoas"
"Não conte fofocas dos seus colegas."	"Não conte detalhes de sua vida para estranhos"
"A gente não pode contar <i>onde</i> vai, nem que horas."	"Não publique fotos e imagens que possam te envergonhar no futuro."
"Você deve tomar cuidado com quem conversa."	"Escreva textos claros, compreensíveis"
"Não tratar os outros mal."	
"Respeitar as opiniões."	
"Não colocar fotos indecentes."	

Figura 2 – Extraído de: Ferreira, 2016

A primeira coluna apresenta o conjunto inicial de regras criadas pelos alunos, a partir de seu conhecimento de mundo e dos debates realizados. Elas foram registradas no quadro negro para serem analisadas coletivamente pela turma. No decorrer das reflexões, os alunos perceberam que as frases apresentavam problemas de paralelismo sintático[‡] e apontaram as diferenças entre os verbos utilizados, sem mencionar essa nomenclatura gramatical. A partir dessas observações, os alunos optaram por reescrever as regras no modo imperativo (afirmativo para conselhos e negativo para proibições) com o argumento de que assim “ficariam mais fortes”. Para a reescrita foi necessário sistematizarmos a formação do modo imperativo no quadro negro para que fôssemos construindo coletivamente a versão final. Houve também uma redução do número de frases, pois algumas foram unidas a outras devido a semelhanças de sentido. Vale ressaltar que toda essa construção foi realizada pelo coletivo da turma sob a orientação da professora, numa perspectiva dialógica. Em outras palavras, os alunos foram, aos poucos, desafiados a refletir criticamente sobre o conjunto de regras inicialmente criado e, a partir dessa reflexão, buscar o conhecimento necessário para fazer as correções.

Avaliação dos Resultados

No decorrer da experiência os alunos foram desenvolvendo suas habilidades de leitura, compreensão e produção de textos, bem como de se posicionarem a respeito de temas do cotidiano.

[‡] Paralelismo sintático é “a progressão constrói-se com a utilização de uma mesma estrutura sintática, preenchida a cada vez com itens lexicais diferentes” (KOCH; ELIAS, 2014, p. 153).



Além disso, demonstraram competência para fazer inferências acerca da língua em uso. Acreditamos que, ao realizarem as atividades de forma colaborativa e na perspectiva dialógica, os discentes desenvolveram também habilidades relativas à interação com os colegas, melhorando consideravelmente a convivência em sala de aula.

Como mencionado anteriormente, estas atividades deram início à intervenção pedagógica da pesquisa *O uso do blog na aula de Português: em busca do empoderamento discente*. Acreditamos que elas foram fundamentais para a continuidade do projeto, uma vez que os alunos começaram a se interessar mais pelas aulas e a se sentirem capazes de compreender a “matéria”. Isso impactou positivamente nas relações interpessoais e no ambiente da sala de aula, além de favorecer efetivamente as reflexões sobre a língua.

Considerações Finais

Muitas vezes somos levados a acreditar que nossos alunos do Ensino Fundamental Final não aprendem sobre a Língua Portuguesa por falta de interesse ou por dificuldades cognitivas. Entretanto, quanto mais experimentamos práticas voltadas para a reflexão da língua em uso, mais confirmamos a tese de que o papel do professor de Português não pode se restringir ao ensino descontextualizado de conceitos, regras e nomenclaturas da gramática normativa. Esta constatação não é recente, uma vez que já é uma orientação apresentada pelos PCN, entretanto, na prática, ainda não é uma realidade na maioria das escolas.

Entendemos que, de alguma forma, abordar o estudo da língua nesta perspectiva, que pressupõe o estímulo à curiosidade, o diálogo entre os sujeitos e o respeito às diferenças, pode ser assustador para os professores. Muitos temem perder o controle do que será estudado, uma vez que a construção do conhecimento linguístico a partir da língua em uso, mesmo baseada em projetos muito bem delineados, depende da interação e das reflexões. Mas isso não é um problema: se a língua é viva, por que o seu estudo não o deve ser?

As atividades aqui descritas, apesar de simples, são exemplos de quanto o Português da sala de aula pode ser tão vivo quanto aquele que usamos para ir comprar pão na padaria, ou para responder uma mensagem em alguma rede social. A naturalidade com que os alunos participaram das discussões, apresentaram seus pontos de vista e, conseqüentemente, construíram conhecimento, comprovou-nos a eficiência dessa metodologia de ensino da língua materna. Não estamos defendendo aqui a exclusão do ensino da gramática da língua, inclusive porque trabalhamos no projeto com o estudo do modo imperativo e com a noção de paralelismo sintático; sem, no entanto, maiores preocupações com a nomenclatura gramatical.



Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, gêneros textuais e ensino**: considerações teóricas e implicações pedagógicas. In: Perspectiva . Florianópolis, v. 20, n. 01, jan./jun. 2002. p. 65-76.

_____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL, Mec. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF, 1998. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacaobasica&Itemid=859>. Acesso em: 29 out. 2016.

FREIRE, Paulo. Shor, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GERALDI, João Wanderley et al. **Texto na sala de aula: leitura & produção**. Assoeste, 1985.

LORENZI, Gislaine Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental. **Multiletramentos na escola**. Parábola Editorial, 2012.

JUIZ DE FORA (2010) **Proposta curricular Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/rede_municipal/arquivos/portugues.pdf> acesso em 20/11/2015

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Lucerna, 2004.

